

dad un paso importante de recuperación de nuestra dignidad individual y colectiva.

El triunfo del No, ha sido para nosotros, dar el primer paso de recuperación de la democracia para Chile.

Sin embargo, no es a través de un hecho, por importante que éste sea, que se va a transformar la realidad de 15 años. Este paso que hoy adquiere casi el carácter de un símbolo, ha sido posible porque llevamos un largo tiempo "gateando" un largo tiempo balbuceando. Porque a través de un conjunto de acciones cotidianas llevamos largo tiempo ensayando el arte de caminar de pie.

Por otra parte, no es este un cambio mágico porque el plebiscito no borra todo el dolor, toda la muerte, la miseria, la pérdida de confianza, el escepticismo que durante todos estos largos años hemos experimentado.

Hemos ganado el plebiscito, sin embargo no hemos borrado con ello 15 años de dictadura, por el contrario estos 15 años están presentes y cobran peso en cada uno de nosotros. Sin embargo, este hecho nos permite mirar con otros lentes o, de una manera más exacta, nos lleva a resignificar lo que ha sido el quehacer de todo el período. Lo que ayer parecía tan pequeño, tan marginal, hoy día cobra presencia nacional. Los esfuerzos que ayer parecían insignificantes y muchas veces distractores hoy día cobran sentido. Las pequeñas acciones de nuestro "hacer" profesional que ayer sentíamos dispersas y poco efectivas hoy nos parecen elementos de mucha importancia en una nueva condición.

Estamos aún demasiado cerca, estamos aún "impresionados" y se mezclan en nosotros lo que parece ser pasado y lo que quisiéramos construir como futuro. No es posible hablar ordenada y coherentemente de un balance de lo hecho. Pero sí es posible afirmar que los elementos presentes en la práctica de este período, constituyen una base sólida, sobre la cual proyectar las propuestas de acción profesional para un futuro democrático.

Bibliografía

CAMPERO, G. Entre la sobrevivencia y la acción política. ILLI, 1987.
HARDY, C. Organizarse para vivir. PET, 1987.
VICARIA de la Solidaridad. Departamento Zonas, Doc. interno, s.d.

Rev. S.S e Sociedade Nº 30, Cortez,
1989. (18/08/14)

COPY & GRAFY

PASTA Nº Fund. IV

PROF. Ilumina

QUANT. PÁG. 8

O Serviço Social e a tradição marxista*

José Paulo Netto**

Quero esclarecer, inicialmente, que esta intervenção sobre o serviço social e a tradição marxista¹ não pretende mais que oferecer, de forma intencionalmente polêmica, uma breve síntese de algumas reflexões que me parecem minimamente pertinentes. Aceitando o convite para participar deste ciclo de conferências e debates, julguei que seria válida uma contribuição que avançasse pistas e sugestões para balizar um terreno de discussão e confronto ideal. Para tanto, tratarei da interlocução entre o serviço social e a tradição marxista tematizando-a a partir de três núcleos distintos: as vertentes culturais nas quais se inserem Marx e o serviço social; um pouco dos desdobramentos problemáticos destes interlocutores; e, enfim, das possibilidades de interação entre ambos. Advirto, desde já, que serei obrigado, pela própria natureza deste encontro, a deixar sem maiores aprofundamentos.

* Intervenção pronunciada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em novembro de 1988. A gravação foi transcrita por Vera Lúcia T. Suguilhino e editada por Myriam Veras Baptista, com revisão do autor.

**Professor no Pós-graduação em Serviço Social, FUC-SP.

1. Distingo sempre a obra marxista (o que é da lavra de Marx) da tradição marxista (o elenco diferenciado de propostas, elaborações e contribuições concretizadas pela reflexão das diversas correntes marxistas). Como se verá no andamento desta intervenção, se, nos últimos vinte anos, registram-se remissões de setores do serviço social à tradição marxista, o seu contato com o pensamento marxista permanece um desafio em aberto.

tos várias das minhas pontuações — mas creio que elas poderão ser desenvolvidas na discussão que teremos a seguir².

Duas vertentes culturais antagônicas

Se se começa pela referência às vertentes culturais em que se inserem o pensamento de Marx e o serviço social, devemos ter a máxima clareza de que se pode verificar aí dois movimentos diversos: um que estabelece uma espécie de *denominador comum* entre estes protagonistas e outro que, no meu entender, assinala o inteiro *antagonismo genético* entre eles.

O *denominador comum* a ambos é algo óbvio, mas — como Hegel já observava que o que parece familiar é desconhecido — sempre vale a pena começar pelo aparentemente óbvio: o que é *piso comum* a Marx e ao serviço social são os quadros macroscópicos, *inclusivos e abrangentes* da sociedade burguesa. Tanto a obra marxiana quanto o serviço social são *impensáveis* fora do âmbito da sociedade burguesa. De fato, *ambos têm como substrato imediato o que está sinalizado na nossa bibliografia sob o rótulo de "questão social"* — vale dizer, sem eufemismo, o conjunto de problemas econômicos, sociais, políticos, culturais e ideológicos que cerca a *emergência* da classe operária como sujeito sócio-político no marco da sociedade burguesa.

Entretanto, já nesta consideração surge uma diferença: a "questão social", para continuarmos com esta nomenclatura horrorosa, se põe logo nos primeiros momentos da revolução industrial; Marx confronta-se com ela, teórica e politicamente, ainda no espaço do capitalismo concorrencial, "clássico"; o serviço social, por seu turno, só pode ser tomado como *profissão* a partir do trânsito do capitalismo concorrencial à idade do monopólio, ao estágio imperialista³.

Esta diferença parece tão-somente cronológica, historiográfica — mas nela se contém algo de outra ordem. Para Marx, o que a biblio-

2. Por razões de espaço, o debate que se seguiu a esta intervenção não é publicado aqui. (N. de E.)

3. Não é uma simples coincidência cronológica que a institucionalização profissional do serviço social decorra justamente durante o "período clássico" do imperialismo, que, segundo Mandel, compreende os anos que vão de 1890 a 1940.

grafia tradicional do serviço social (e não só) entende por "questão social" é um complexo de processos absolutamente indissociável do capitalismo; mais exatamente, para Marx, o capitalismo é a produção e a reprodução contínua e ampliada da "questão social". Na ótica marxiana, a *superação* da "questão social" demanda, *liminariamente*, a *ultrapassagem dos marcos do capitalismo*. Ora, o pressuposto do serviço social original aponta para o enfrentamento da "questão social" *nos marcos do capitalismo*; mais precisamente, o serviço social surge *vocacionado para subsidiar a administração da "questão social"* nos quadros da sociedade burguesa. Verifica-se, portanto, que não é exata a relação, reiterada à exaustão na análise histórica de profissão, entre serviço social e "questão social"; na verdade, a efetiva conexão histórico-social não se passa entre estes dois termos, mas entre *serviço social* e "questão social" *sob o capitalismo dos monopólios* — a profissão só emerge na idade do monopólio, quando o Estado burguês desenvolve formas sistemáticas, estratégicas e coesivas para enfrentar as manifestações da "questão social".

Esta relação diversa com um mesmo substrato (a "questão social") revela que seu papel como denominador comum da obra marxiana e do serviço social é pouco significativo, se comparado com o que os distingue. Cabe, pois, passar ao movimento que indica o antagonismo que os incompatibiliza.

A vertente cultural a que Marx se vincula surge ainda no Iluminismo, tem uma refração muito clara em Rousseau, encontra uma primeira (e prematura) expressão em Babeuf e ganha densidade nas propostas e organizações do movimento operário e socialista pré-1848. É a *vertente revolucionária*, à qual Marx se conecta num processo em que a inflete medularmente, ao lhe conferir o tônus da contemporaneidade, apreendendo a natureza, a estrutura e a dinâmica específicas da sociedade burguesa. Trata-se de uma vertente que, a partir de Marx, só deixará de ser *moderna* quando a socialidade burguesa se exaurir completamente: Marx é um pensador inserido caracteristicamente na ordem burguesa, ainda que a sua pesquisa seja toda ela direcionada para derruir e ultrapassar esta ordem⁴. A tradição revolucionária de Marx concretiza, antes de mais, a *autoconsciência do ser social* nos

4. É claro que, com esta determinação, estou limitando a *validade* da obra marxiana — a sua utilização para o desvendamento de épocas históricas anteriores e posteriores ao capitalismo não me parece passar sem restrições.

marcos do capitalismo, vale dizer, o máximo grau de concretização teórica possível do ser social sobre si mesmo na sociedade burguesa.

Tal vertente é antípoda àquela a que se prende o serviço social — prefigurada pela reação à Revolução Francesa, com a polémica pós-revolucionária dos "saudosos do Antigo Regime". Trata-se do veio ideal aberto pelos ideólogos da Restauração, em cujo desenvolvimento haveriam de confluir componentes reacionários e ingredientes conservantistas⁵. Quando estes se adensam e se constelam numa plasmagem própria, emerge a *vertente conservadora*, na qual se inscreve o serviço social: é uma das suas concretizações profissionais, quando ela, na passagem do capitalismo concorrencial à idade do monopólio, transita para a intervenção, a gestão e a administração institucionais de variáveis que concorrem na "questão social"⁶. Na vertente conservadora, tal como ela se constitui sob a lente do estilo de pensar positivista, cristaliza-se a *auto-representação do ser social* funcional aos marcos do capitalismo consolidado.

O nítido corte entre estas duas vertentes culturais tem as implicações mais amplas e diversas. No plano teórico, elas desenham um cenário de excludência.

O pensamento de Marx funda uma *teoria social*: toda a sua pesquisa está centrada na análise radicalmente crítica da emergência, do desenvolvimento, da consolidação e dos vetores de crise da sociedade burguesa e do ordenamento capitalista. Nesta teoria social, o traço peculiar, mais pertinente e decisivo refere-se ao seu *cariz histórico-ontológico*⁷. De um lado, a história aparece como o próprio constitutivo da reflexão teórica e a tensão entre razão e história se resolve no seu plano mesmo: a razão se historiciza e a história se torna racional. De outro, esta reflexão teórica não se propõe como matriz ideal, modelo intelectual ou paradigma de explicação do real; ela se instaura como re-produção ideal do movimento real do próprio ser

5. A fronteira entre o reacionarismo e o conservantismo pode ser nitidamente estabelecida nas suas expressões culturais e políticas, mas é de determinação mais complexa nas práticas sociais.

6. Não creio ser preciso lembrar que o pensamento conservador está aberto a perspectivas reformistas. É próprio da vertente conservadora pensar a dinâmica da ordem social burguesa não apenas como permeável a mudanças, mas, sobretudo, como necessitada de reformas para a sua preservação.

7. Para a discussão rigorosa do caráter ontológico do pensamento marxiano, cf. Lukács (1979).

social. A teoria social é, portanto, construção, no nível da razão, do modo de ser do ser social⁸. Antes de mais, esta teoria articula-se sobre a *perspectiva da totalidade*: a sociedade é apreendida como uma totalidade concreta, dinâmica e contraditória, que se constitui de processos que, eles mesmos, possuem uma estrutura de totalidade — de maior ou menor complexidade. A categoria da totalidade, nesta angulação, é simultaneamente a categoria central da realidade histórico-social e a categoria nuclear da sua re-produção teórica⁹.

O contraponto com as concepções teórico-metodológicas marxianas é flagrante quando visualizamos o serviço social. Este não é uma teoria; elementar e basicamente, é uma *profissão*, porém, uma profissão que se institucionaliza e se afirma nutrindo-se de um conjunto de saberes ancorados numa vertente teórica (a do pensamento conservador) antagônica à marxiana. Trata-se da vertente que fundou as chamadas ciências sociais como disciplinas autônomas e particulares, embasadas no suposto de que a sociedade se estrutura segundo níveis a que se atribui uma especificidade que permite a legítima saberes (também específicos) que se constelam em "ciências" especiais — a economia, a sociologia, a antropologia, a psicologia etc. Naturalmente, estes "recortes" são operados com a cautela inicial de que não esgotem a "realidade social" — aqui, a totalidade é substituída por um simulacro, o "todo", equacionado como integração funcional de "partes" e capturável pela perspectiva da inter ou multidisciplinaridade. Estes saberes (cujo estatuto "científico", não por azar, é extraído dos padrões das ciências referentes à natureza¹⁰) são costurados pelo

8. Excuse observar que a racionalidade assim concretizada é *crítico-dialética*, à partida infirmando tanto a "destruição da razão", que abre a via para aventura irracionalista, quanto a "miséria da razão", que a empobrecer ao esgotá-la como procedimento formal. O pensamento funcional à ordem burguesa, em pleno histórico-universal e desde 1848. Obate-se entre esta polaridade antitético-complementar: as impugnações irracionalistas e o racionalismo formal (cf. Lukács, 1968 e Coutinho, 1972).

9. Donde, de uma parte, a sua natureza ontológica e, de outra, no plano teórico-metodológico, o cancelamento de (e a recusa a) quaisquer fatalismos e/ou causalismos unívocos.

10. A naturalização da sociedade implícita neste passo (que é *simétrica* à sua moralização, sucedâneo da especificidade perdida do ser social quando se opera a equalização da sua pesquisa à pesquisa da natureza) é o grande legado da tradição positiva às chamadas ciências sociais. É que não se recorre ao "superado" Comte; antes, veja-se o sofisticado e rigoroso Durkheim: "A ciência social não poderia realmente progredir mais senão se houvesse estabelecido que

racionalismo formal e incorporados pelo serviço social, numa operação em que este os refuncionaliza e rearranja conforme o seu objetivo profissional de intervenção.

O cenário de exclusão a que aludi recobre, como é sabido, as implicações ideológicas das vertentes em questão. Não creio que seja necessário nos determos neste ponto. Apenas assinalaria o desprezo com que Marx sempre tratou o dualismo do reformismo burguês, que pretende manter os "lados bons" do capitalismo e modificar os seus "lados maus"; ou, ainda, o sarcasmo com que sempre se remeteu aos "reformadores ocasionais dos maus variados"¹¹ — em referências que suponho não alheias ao universo cultural próprio dos futuros assistentes sociais. Na outra ponta, nem é preciso lembrar o traço antidemocrático e anti-revolucionário — às vezes zologicamente antimarxista e anticomunista — que marcou boa parte da história profissional do serviço social em todas as latitudes¹².

Esta exclusão, evidente se se leva em conta a gênese histórica, o travejamento teórico e a funcionalidade sócio-política do pensamento marxiano e do serviço social tendeu, nos últimos vinte anos, a esbater-se. Desde então, registram-se explicitamente movimentos que apontam para uma interlocução entre ambos.

A aproximação enviesada

A obra de Marx, sabe-se, padeceu sorte irônica: já em princípios dos anos 80 do século XIX, por força de condicionalismos que não cabe analisar aqui¹³, ela começa a ser convertida em um sistema que,

as leis das sociedades não são diferentes das leis que regem o resto da natureza e que o método que serve para descobri-las não é outro senão o método das outras ciências" (1955: 113).

11. Cf., por exemplo, a discussão sobre a posição de Proudhon em face dos lados "bom" e "mau" das categorias econômicas (Marx, 1985: 107 ss.) e a seguinte passagem: "Uma parte da burguesia deseja remediar os males sociais para assegurar a estabilidade da sociedade burguesa. Nela se contam economistas, filantropos, humanitários, melhoradores da situação das classes trabalhadoras, organizadores da caridade, protetores dos animais, fundadores de ligas antialcoólicas, reformadores ocasionais dos maus variados" (Marx, 1975: 96).

12. Penso-se, para citar um só exemplo, nos constrangimentos de que nos Estados Unidos, Bertha Reynolds foi vítima.

13. Sinteticamente, tratei-os na abertura do meu ensaio *Capitalismo e reificação* (1981).

especialmente em razão das características da Segunda Internacional, acaba por se consolidar como *Weltanschauung*. Nasce o marxismo, que a Terceira Internacional, malgrado a ruptura política com a sua antecessora, entronizaria e codificaria, sob a autocracia stalinista, no catecismo do *marxismo-leninismo*¹⁴. Em pouco mais de meio século, o espólio do maior dos críticos, que inclusive recusara-se a ver-se como "marxista", estava transformado em doutrina. Com os processos que se sucedem a partir do XX Congresso do PCUS (1956), esta doutrina, o marxismo institucional, entra em colapso e se abre a via à compreensão de que a tradição marxista, englobando a obra marxiana, configura um leque de expressões muito diferenciadas. Em suma, com a crise da dogmática doutrinária, tornou-se impossível a referência ao "marxismo" no singular — impõe-se a constatação dos "marxismos".

Parece-me que esta pluralidade, legitimamente, não é algo indefinido ou infinito; ela dispõe de fronteiras. A meu juízo, a pertinência à tradição marxista pode ser precisada segundo um triplo critério: o *método crítico-dialético*, a *teoria do valor-trabalho* e a *perspectiva da revolução*. A arquitetura teórica marxiana está fundada neste tripé — sem a presença simultânea destes três componentes, a sua construção teórica desaba¹⁵. Inscreve-se na tradição marxista toda elaboração teórica que se desenvolver sobre a base crítico-analítica por eles balizada; é no espaço ideal que esta base circunscreve que se pode referir com legitimidade à pluralidade de correntes legatárias do pensamento marxiano.

Ora, se é verdade que as chamadas ciências sociais, oriundas da tradição conservadora, sempre travaram um debate implícito com a herança marxiana, o fato é que o colapso do marxismo institucional ocorre num quadro novo, no qual se põem as condições para um contato diverso entre aquelas e a tradição marxista. Este quadro se completa com vetores de duas ordens: de uma parte, a efetiva influência da tradição marxista nos movimentos de libertação nacional e

14. Referências a este complexo processo estão contidas na minha introdução ao volume *Stalin*, da coleção "Grandes Cientistas Sociais" (1981).

15. Desde finais do século passado, as críticas substantivas a Marx quiseram ferir um desses elementos (ou todos eles). A cada anúncio da "morte do marxismo", numa reiteração terrivelmente enfadonha, segue-se sempre a mesma ladainha: com dialética não se faz "ciência", a teoria do valor-trabalho não encontra verificação empírica, a perspectiva da revolução é milenarismo...

social que se encorpam nos anos 50, assim como sobre os movimentos de massas nos países capitalistas avançados; de outra, a crise das chamadas ciências sociais acadêmicas, que também se pôde de manifesto nos centros capitalistas a partir da década de 50. O que se desenha, desde então, é um crescente rebatimento da tradição marxista no âmbito das chamadas ciências sociais¹⁶. Mas este fenômeno, em si mesmo de enorme relevância, decorreu (e decorre ainda) num andamento problemático: Marx e seu legado são recuperados frequentemente pelas correntes "críticas" das chamadas ciências sociais a partir das referências nucleares delas mesmas. Ou seja, o contributo marxiano é refratado pelas lentes de uma divisão do saber que acaba por operar uma diluição do pensamento marxiano: para os sociólogos "críticos", Marx é um sociólogo; para os economistas "heterodoxos", Marx é um economista etc.

Salvo erro meu, esta incorporação (problemática) de Marx pelas correntes "críticas" das chamadas ciências sociais favoreceu a sua interlocução com setores do serviço social. Confrontados com os impasses que se cronicavam na sua intervenção profissional, e para os quais não obtinham clarificação nas referências tradicionais de que dispunham, os assistentes sociais mais inquietos voltaram-se para aquelas correntes "críticas". No entanto, não creio que este tenha sido o principal detonador do diálogo que, a partir dos anos 60, se instaura entre setores do serviço social e a tradição marxista — ainda que as citadas correntes "críticas" possam ter facilitado uma remissão inicial à tradição marxista para muitos assistentes sociais.

Entendo que o diálogo entre setores do serviço social e a tradição marxista se configura a partir da década de 60, e envolvendo diferencijalmente segmentos profissionais (notadamente docentes) em algumas áreas capitalistas desenvolvidas (América do Norte, Europa Ocidental) e em muitas áreas capitalistas periféricas (com especial destaque para a América Latina), na intercorrência de três fenômenos: a crise do

16. Penso que o pensamento marxiano mantém uma relação de exclusividade com as chamadas ciências sociais. E parece-me que estas, quando trilham conseqüentemente uma perspectiva crítica radical, fecundadas pela inspiração marxiana, acabam por romper com o seu estatuto original. Por exemplo: pergunto-me, de fato, se obras como *A revolução burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes, ou *A ditadura do grande capital*, de Octávio Ianni, podem ser ainda consideradas como "sociologia crítica".

serviço social tradicional, a pressão exercida pelos movimentos revolucionários e a rebelião estudantil. A inépcia dos padrões profissionais consagrados pela tradição, bem como de suas referências ideais, em face de processos de precipitação e efervescência sociais emergentes deflagrou um movimento de politização que vinculou os outros dois fenômenos arrolados, redimensionando os influxos que provinham das correntes "críticas" das chamadas ciências sociais.

A resultante deste jogo polifacético foi uma aproximação muito peculiar de setores do serviço social à tradição marxista. Eu diria que ela se singularizou por três traços interligados. Em primeiro lugar, tratou-se de uma aproximação que se realizou sob exigências teóricas muito reduzidas — as requisições que a comandavam foram de natureza sobretudo ídeo-política, donde um cariz fortemente instrumental nessa interlocução. Em segundo lugar, e decorrentemente, a referência à tradição marxista era muito seletiva e vinha determinada menos pela relevância da sua contribuição crítico-analítica do que pela sua vinculação a determinadas perspectivas prático-políticas e organizacional-partidárias¹⁷. Enfim, a aproximação não se deu às fontes marxianas e/ou aos "clássicos" da tradição marxista, mas especialmente a divulgadores e pela via de manuais de qualidades e níveis discutíveis.

Nestas condições — e sem questionar o aspecto, na minha avaliação, positivo e progressista contido nesta aproximação —, não há por que estranhar o frágil saldo teórico-analítico que resta de um balanço cuidadoso deste processo. A riqueza e a complexidade do pensamento de Marx raramente tocaram as cordas do serviço social, substituída que foi a documentação primária por intérpretes os mais desiguais. A própria diferenciação da tradição marxista foi cancelada pelo recurso a uma só de suas correntes, dogmaticamente situada como a "autêntica", ou diluída em "sínteses" cujo suporte é o ecletismo mais desabusado. No limite, o que resultou foi menos a incorporação de componentes teórico-metodológicos e crítico-analíticos do que um acervo de

17. Neste momento, a professora Lídia M. Rodrigues da Silva pesquisa, na elaboração da sua dissertação de doutoramento, o modo pelo qual assistentes sociais brasileiros com alguma representatividade e que se reclamam vinculados à tradição marxista se aproximaram desta. As indicações são de que a maioria esmagadora se aproximou de Marx pela via da prática política, exercitada ainda no âmbito do movimento estudantil.

núcleos temáticos que, desvinculados da sua contextualidade, tenderam para o clichê e a palavra-de-ordem¹⁸.

O que ocorreu, a meu juízo, foi uma aproximação enviesada de setores do serviço social à tradição marxista — um viés derivado dos constrangimentos políticos, do ecletismo teórico e do desconhecimento das fontes "clássicas".

Possibilidades de interlocução

Parece-me que os avanços e equívocos derivados dessa aproximação enviesada — mais tolo um conjunto de processos externos e internos à profissão — desenharam, nos anos mais recentes, uma base mais sólida para recolocar a questão da interlocução entre setores do serviço social e a tradição marxista¹⁹.

Esta nova interlocução, posto que superadora do viés que marcou a aproximação inicial, não se viabiliza apenas por atos de vontade de alguns profissionais. Ela encontra hoje suportes histórico-sociais muito ponderáveis. Penso que três deles devem ser salientados:

1. *As condições de trabalho da categoria profissional* — o assistente social, profissional assalariado, pela sua própria inserção na estrutura sócio-ocupacional, tende a se aproximar progressivamente do conjunto das camadas trabalhadoras submetidas ao jugo do capital. No "mundo do trabalho" contemporâneo, o confronto com a cultura da tradição marxista é quase compulsório;
2. *A dinâmica cultural da sociedade burguesa contemporânea* — é manifesta a impossibilidade de se levar a cabo atualmente qualquer debate sem considerar o protagonismo cultural da tradição marxista no interior da ordem burguesa; no âmbito das manifestações ideais, esta tradição possui uma gravitação inequívoca²⁰;

18. É claro que, para isto, contribuiu fortemente a ausência, em nosso passado profissional, de uma tradição intelectual, bem como o lastro de *mitos* sempre presente no meio profissional.

19. E de que não há índices incontestes elaborações de assistentes sociais em várias latitudes. Entre nós, para ficar com um exemplo privilegiado, saliento a contribuição de Marilda V. Yamamoto (cf. Yamamoto & Carvalho, 1983).

20. Pode-se negar que, como queria Sartre, esta tradição seja "o espírito do nosso tempo", mas não se pode negar a necessidade do confronto aberto

3. *A atualidade do processo macroscópico da revolução* — na contracorrente da ordem burguesa, suposta "morta" ou "superada", a revolução, sob formas insuspeitadas, vem fazendo o seu trabalho de "velha toupeira" (Marx), pondo a cabeça de fora quando menos se espera. Sob a superfície da acalmia e da estabilidade, a erosão revolucionária opera e repõe, a cada emergência, a contemporaneidade da tradição marxista.

Se é precedente esta linha argumentativa, a projeção mais provável é a de que a interlocução entre setores do serviço social e a tradição marxista deverá aprofundar-se e acentuar-se. Neste processo, julgo que a referência à tradição marxista poderá nos oferecer elementos cruciais para:

- a) *Compreender o significado social da profissão*. As reiteradas "crises de identidade" que o serviço social tem experimentado vêm frequentemente conectadas a uma percepção deformada da sua natureza e estatuto profissionais. Estou convencido de que o recurso à tradição marxista pode nos clarificar criticamente o sentido, a funcionalidade e as limitações do nosso exercício profissional;
- b) *Iluminar a nossa intervenção socioprofissional*. Enquanto teoria social macroscópica, que fornece parâmetros projetivos dos processos sociais, a tradição marxista pode contribuir para iluminar as nossas modalidades de intervenção socioprofissional, especialmente fazendo indicações sobre realidades emergentes;
- c) *Dinamizar a elaboração teórica dos assistentes sociais*. Aqui, o contributo da tradição marxista parece-me extremamente promissor, não para a constituição de um saber autônomo (a "Teoria" do Serviço Social), mas para a fundamentação e a articulação dos aportes teóricos que, nomeadamente a partir da sistematização e da crítica das suas práticas, os assistentes sociais podem fornecer ao conhecimento de processos sociais.

Os ganhos desta interlocução seriam, penso, de mão dupla. Nela, a tradição marxista poderia receber dos assistentes sociais:

e aderir com ela. Isto não significa, nem de longe, que a adesão à tradição marxista seja imperativa, mas significa que ela é um interlocutor inalienável no debate teórico-cultural contemporâneo.

- a) indicações de *deixas teóricas* a serem melhor apuradas ou revisadas;
- b) indicações de *realidades e processos* a serem objeto de investigação;
- c) *elaborações e construções teóricas* a partir de referências da própria tradição marxista.

Parece-me inteiramente supérfluo assinalar que esta interlocução exige dos assistentes sociais uma *postura intelectual* que não dispõe de grande lastro entre nós: um esforço de rigor teórico, de consequência investigativa e de ampliação do nosso universo cultural. Nas condições atuais, em que se afirmam os cursos de pós-graduação e as instituições e organismos de pesquisa, assim como novas formas organizativas no campo profissional, são injustificáveis a utilização de manuais de vulgarização, o não recurso às fontes primárias e originais e o ecletismo e o modismo. De fato, não só crescem as exigências teóricas e intelectuais no âmbito da profissão, mas também surgem circunstâncias propícias para responder positivamente a elas.

No quadro dessas exigências e circunstâncias, creio que não é forçar a mão se observo que a discussão em torno da tradição marxista ganha hoje entre nós um destaque óbvio. No decorrer do ano de 1988, tive oportunidade de fazer esta verificação em duas situações muito significativas: em maio, num grupo de trabalho que, em São Paulo, debateu os desdobramentos de uma pesquisa sobre o ensino da metodologia em nossas escolas (pesquisa conduzida pela FUC-SP e pela ABESS) e, em outubro, nos seminários nacional e latino-americano promovidos em Natal pela ABESS e pelo CELATS. Em ambos os eventos, o tom da polémica foi dado por assistentes sociais de uma forma ou outra vinculados à tradição marxista ou a ela muito próximos. Esta verificação tanto me anima quanto me preocupa. Anima-me porque é um signo incontestável da *pertinência contemporânea da interlocução entre o serviço social e a tradição marxista*, porque atesta que ela possui um significado concreto para nós, porque assegura que a sua inserção no debate profissional não é algo artificioso ou aleatório. Mas, igualmente, me preocupa, porque pode induzir à falsa idéia de uma hegemonia da tradição marxista no cenário profissional — e não creio que este seja o quadro real. Antes, inclino-me a pensar que o debate está centralizado por profissionais vinculados à tradição marxista (ou a ela próximos) porque a *efetiva diferenciação da categoria não está sendo explicitada*. Nesta eventualidade, a polémica pode esvaziar-se, dado que distintos protagonistas, representantes de outras

tendências, não se fazem ouvir — e a perda é coletiva, posto que não ocorra um confronto de idéias aberto, marxistas e não-marxistas deixam de estimular-se reciprocamente no terreno privilegiado que é o do enfrentamento ideal. Pior ainda, pode estar se desenvolvendo uma discussão que só tangencialmente sensibiliza e toca o grosso da categoria profissional — e conhecem-se os riscos de um tal descolamento.

Retornando ao eixo da minha argumentação, gostaria de propor, para a discussão que realizaremos a seguir, três pontuações elementares:

1. *Sem Marx, e a tradição marxista, o serviço social tende a empobrecer-se* — independentemente da sua filiação teórica e ideopolítica, o assistente social necessita travar um diálogo sério com Marx e a tradição marxista, sob pena de perder determinações essenciais da sua prática, de fragilizar a sua reflexão teórica e de isolar-se dos debates culturais e profissionais contemporâneos;
2. *Sem considerar as práticas dos assistentes sociais, a tradição marxista pode deixar escapar elementos significativos da vida social* — as práticas dos assistentes sociais freqüentemente incidem sobre processos que, tratados pelo referencial teórico-metodológico de Marx, oferecem insumos para a sua verificação e enriquecimento;
3. *Por mais que seja rigorosa, intensa e extensa a interlocução com a tradição marxista, não se constituirá um serviço social "marxista"* — enquanto profissão, o serviço social sempre contemplará uma tal inclusividade que no seu campo se moverão legitimamente profissionais que, incorporando diferentes expressões do pensamento contemporâneo, encontrarão espaços de prática e intervenção diversos e plurais.

Para concluir, voltaria àquele único denominador comum entre serviço social e tradição marxista, sinalizado pela "questão social". A sua ultrapassagem — vale dizer: a ultrapassagem dos marcos da sociedade burguesa — implicará a real, embora diferenciada, anacronização de ambos. Na ordem social comunista, aquela em que a "pré-história da humanidade" for substituída "pela livre associação de livres produtores", Marx e a tradição marxista serão considerados como hoje consideramos figuras como Aristóteles. Por seu turno, o serviço social será uma peça de museu.

Entretanto, como a emergência deste período histórico radicalmente novo apenas se vislumbra longinquamente no horizonte, vale a pena — e ainda valerá por longo tempo — investir na formação e no debate profissionais do serviço social.

Bibliografia

- COUTINHO, C.N. *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- DURKHEIM, E. *Montesquieu et Rousseau, précurseurs de la sociologie*. Paris, PUF, 1963.
- LUKÁCS, G. *El asalto a la razón*. Barcelona, México, Grijalbo, 1968.
- . *Ontologia do ser social*. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- IAMAMOTO, M. & CARVALHO, R. *Relações sociais e serviço social no Brasil*. São Paulo, Cortes/CELATS, 1983.
- MARX, K. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa, Avante!, 1975.
- . *Miséria da filosofia*. São Paulo, Global, 1983.
- PAULO NETTO, J. *Capitalismo e reificação*. São Paulo, Ciências Sociais, 1981.
- . *Stalin*. Col. *Grandes Cientistas Sociais*, São Paulo, Ática, 1981.

O marxismo dos anos 60 na França: a corrente humanista revolucionária*

Michael Löwy**

O marxismo conheceu na França, durante os anos 60, um progresso sem precedentes, pela sua influência crescente sobre a juventude e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento pluralista das correntes e tendências, as mais diversas, excedendo largamente o quadro das doutrinas oficiais dos dois principais partidos operários. Naturalmente, esse progresso não teve lugar isoladamente, mas em uma relação estreita — de influência recíproca, referência crítica ou enfrentamento polêmico, segundo o caso — com a nova lingüística, o estruturalismo, a psicanálise, o existencialismo, com Lévi-Strauss, Lacan, Piaget, Sartre, Foucault etc.

No campo filosófico e teórico, uma das questões mais controversas dos anos 60 era a da relação entre o marxismo e o humanismo. A corrente representada por Althusser e seus amigos, em uma tentativa de renovação do marxismo por um retorno às fontes (ler *O Capital*) — que era também, ao mesmo tempo, uma forma de crítica da esquerda (implícita ou explícita) à política do PCF —, lançou a fórmula polêmica do "anti-humanismo teórico" que teve êxito.

* Extraído da Revue "M", maio-junho 1987. Tradução de Myriam Veras Baptista.

** O autor é sociólogo e pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris.